

PROJETO INÉDITO DE TURISMO
DE MEMÓRIA RESGATA A
HISTÓRIA DO TRÁFICO DE ESCRAVOS
NO RIO DE JANEIRO



PASSA DOS PRES ENTES

“PASSADOS PRESENTES”
ALIA TECNOLOGIA, DESIGN E
SINALIZAÇÕES URBANAS PARA
ORIENTAR OS VISITANTES.
O PROJETO ESTIMULA AÇÕES
DE ECONOMIA SUSTENTÁVEL
EM 3 COMUNIDADES
QUILOMBOLAS E JONGUEIRAS



PROJETO INÉDITO DE TURISMO DE MEMÓRIA RESGATA A HISTÓRIA DO TRÁFICO DE ESCRAVOS NO RIO DE JANEIRO

“Passados presentes” alia tecnologia, design e sinalizações urbanas para orientar os visitantes. O projeto estimula ações de economia sustentável em 3 comunidades quilombolas e jongueiras

Três exposições a céu aberto marcam, no próximo dia 26 de julho, o início de “Passados Presentes”, um projeto de turismo de memória inédito no país. A espinha dorsal do projeto é um aplicativo (já disponível para todos os sistemas operacionais) com quatro roteiros que conduzem a locais emblemáticos para o tráfico negreiro e a história da escravidão no Brasil. Um dos roteiros é no centro do Rio e os outros em antigas áreas escravistas do estado onde os memoriais ficarão expostos em caráter permanente: **Quilombo do Bracuí** (Angra dos Reis), **cidade de Pinheiral** (sede do Jongo de Pinheiral) e **Quilombo de São José** (Valença).

O Brasil foi o país que mais recebeu africanos escravizados – dos 12,5 milhões enviados para as Américas entre os séculos 16 e 19, o país recebeu entre 5 e 6 milhões. Em todas as épocas, o Rio de Janeiro foi a principal porta de entrada dessa população. Estima-se que, durante o século 19, pelo menos 1,5 milhões de africanos tenham desembarcado no Brasil no Cais do Valongo, região portuária da cidade do Rio, e em portos clandestinos do litoral do estado, como a antiga fazenda do Bracuí, em Angra dos Reis, onde se localiza o quilombo que faz parte do projeto.

O BRASIL FOI O PAÍS QUE MAIS RECEBEU AFRICANOS ESCRAVIZADOS – DOS 12,5 MILHÕES ENVIADOS PARA AS AMÉRICAS ENTRE OS SÉCULOS 16 E 19, O PAÍS RECEBEU ENTRE 5 E 6 MILHÕES.

No centro do Rio, o roteiro de “Passados Presentes” conduz ao Circuito da Capoeira, por meio do qual o visitante acessa pontos de memória do tráfico negreiro, mas também da arte e da religião criadas pelos afrodescendentes. A Capoeira foi reconhecida, em 2014, como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). O marco zero desse circuito é o Cais do Valongo e ele será integrado ao aplicativo em agosto.

Todos os pontos de interesse histórico estão demarcados com a logomarca de “Passados Presentes” e um código QR. O visitante abre o aplicativo, aproxima o celular desse código e tem acesso às principais informações do local.

Nos quilombos e na cidade de Pinheiral, os pontos de memória foram identificados pelas historiadoras que coordenam o projeto. Esse trabalho foi feito em parceria com as comunidades, formadas por descendentes diretos da última geração de africanos escravizados nesses locais e suas proximidades. As vozes que narram o trajeto são dos residentes, que contam a história local a partir do que ouviram de seus pais e avós. As exposições foram desenvolvidas pelo designer André de Castro, que, integra, em Nova York, o projeto interdisciplinar da Galeria Oppus, um mix de artes visuais, design, comunicação e ciência.





Cada um dos quatro roteiros tem pelo menos seis pontos de visitação relativos aos temas específicos do projeto. Além disso, o aplicativo indica outros pontos de interesse que tenham conexão com a história da escravidão no país.

Na cidade de Pinheiral, por exemplo, ao lado das ruínas do casarão da fazenda Pinheiro, ainda pode ser vista a antiga linha do trem e os resquícios dos espaços de trabalho da fazenda de café (pátio para secagem e senzalas, hoje reconstruídas). A cidade, nascida da antiga estação da Fazenda do Pinheiro, foi povoada por levas de migrantes negros, após a abolição, em 1988. Com uma concentração singular de grandes jongueiros, todos descendentes diretos da última geração de libertos do Vale do Paraíba, Pinheiral é considerada a capital do Jongo no estado do Rio de Janeiro.

O “Jongo do Sudeste”, definido como manifestação de canto, dança e percussão, foi reconhecido pelo IPHAN (Instituto do Patrimônio Artístico e Nacional) como patrimônio cultural brasileiro em 2005. “O jongo é uma conversa, uma dança passada de pai para filho”, diz Maria de Fátima Silveira dos Santos, coordenadora do Grupo de Jongo do Pinheiral.

A fazenda São José, que abriga o Quilombo São José, em Valença, é uma das tradicionais fazendas de café, localizadas no Vale do Paraíba, onde viveram os africanos e seus descendentes. Hoje, este Quilombo registra informações sobre a vida numa antiga fazenda cafeeira, a importância da família nas comunidades cativas e as lutas pela liberdade. Já o Quilombo Bracuí apresenta vigorosa tradição oral, com narrativas sobre o tráfico de africanos e notícias, historicamente comprovadas, de um desembarque ilegal e de um navio negreiro afundado nas suas proximidades. “O quilombo é um Brasil dentro de outro Brasil”, resume Antônio Fernandes, do São José.

A escravização dos africanos é considerada crime contra a humanidade (Unesco). Mas, segundo a professora Hebe Mattos, da Universidade Federal Fluminense, e uma das três coordenadoras do projeto, a dimensão do problema não foi plenamente integrada à narrativa oficial da história brasileira. “A dimensão do tráfico negreiro para o país no século 19, sobretudo em sua fase clandestina, transformou as praias do litoral no palco do holocausto brasileiro”, diz Hebe, ao ressaltar que o tráfico ocorreu sob a chancela do Estado. “Ouvei do meu pai que os escravos recém chegados ficavam nas fazendas da Marambaia e do Bracuí para engordar e depois eram mandados para seus lugares definitivos” recorda Marilda de Souza, do Quilombo Bracuí.

“A DIMENSÃO DO TRÁFICO NEGREIRO PARA O PAÍS NO SÉCULO 19, SOBRETUDO EM SUA FASE CLANDESTINA, TRANSFORMOU AS PRAIAS DO LITORAL NO PALCO DO HOLOCAUSTO BRASILEIRO”





A professora Martha Abreu, da Universidade Federal Fluminense, que também coordena o projeto, ressalta que esta é uma ação de reconhecimento e reparação da injustiça histórica que foi a escravidão. “O projeto tem o objetivo de chamar a atenção sobre as graves consequências que o tráfico de escravos deixou na sociedade brasileira e que persistem até hoje”, diz ela. O projeto, acrescenta Marta, valoriza o legado cultural construído no país por gerações de africanos escravizados e seus descendentes. “Precisamos conhecer melhor esse legado no Brasil e valorizar as memórias dos descendentes diretos dos últimos escravizados”, finaliza.



“O PROJETO TEM O OBJETIVO DE CHAMAR A ATENÇÃO SOBRE AS GRAVES CONSEQUÊNCIAS QUE O TRÁFICO DE ESCRAVOS DEIXOU NA SOCIEDADE BRASILEIRA E QUE PERSISTEM ATÉ HOJE”



“Passados presentes incentiva o turismo de memória e busca fortalecer a economia das comunidades quilombolas e jongueiras, que se prepararam para receber visitantes e contar a sua própria história”, afirma a historiadora Keila Grinberg, da UniRio, que também faz parte da coordenação do projeto. O projeto conta com apoio do Edital Petrobras de Patrimônio Imaterial

O lançamento de “Passados Presentes” marca ainda o início da Década Internacional dos Afrodescendentes instituída pela UNESCO (2015-2024).



“PASSADOS PRESENTES INCENTIVA O TURISMO DE MEMÓRIA E BUSCA FORTALECER A ECONOMIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS E JONGUEIRAS, QUE SE PREPARARAM PARA RECEBER VISITANTES E CONTAR A SUA PRÓPRIA HISTÓRIA”



PARCEIROS

- Petrobras
- Associação de Remanescentes do Quilombo Santa Rita do Bracuí;
- Associação da Comunidade Negra Remanescente de Quilombo da Fazenda São José;
- Centro de Referência de Estudo Afro do Sul Fluminense/Jongo do Pinheiral.

SAIBA MAIS

1. O Brasil foi o destino de mais de 5 milhões de africanos escravizados entre os séculos 16 e 19. Cerca de 2 milhões de escravizados entraram no Brasil apenas na primeira metade do século 19. Desses, pelo menos 750 mil desembarcaram a partir de 1831, em áreas do litoral que abrigavam portos clandestinos, que hoje guardam vestígios arqueológicos e da tradição oral dos horrores da chegada.
2. Dos cerca de 12,5 milhões de africanos escravizados que vieram para as Américas, 40% aportaram no Brasil, 40% nas ilhas escravistas do Caribe e cerca de 5% foram levados para os Estados Unidos.
3. O genocídio negro estrutura a história do Brasil - da violência da escravização às condições desumanas da travessia do Atlântico.
4. No sítio arqueológico Cemitério dos Pretos Novos, na Gamboa, região portuária do Rio, foram encontradas evidências da violência da travessia do Atlântico, como fragmentos de ossos e crânios humanos de escravos que morreram antes de serem vendidos. Hoje o local funciona como um centro cultural. Indícios de locais semelhantes encontram-se amplamenteregistrados na tradição oral do Quilombo do Bracuí.
5. O algodão, que alimentou a revolução industrial, bem como o café e o açúcar consumidos nas grandes cidades que surgiam no século 19 foram produzidos por mão-de-obra de homens e mulheres negros escravizados nas antigas colônias europeias ou em novos países independentes, como Estados Unidos e Brasil.
6. No Brasil, o tráfico ilegal de escravizados esteve na base da expansão da cafeicultura no Vale do Paraíba fluminense, principal produto de exportação do país sob o reinado de Pedro II, base de toda riqueza do Império.

